



## Segurança existe? na USP

PÁG 6

Engenheirando  
Vitrola  
e LP

PÁG 3

EILE: um encontro  
de liderança

PÁG 4

Front da criação

PÁG 8

Por que lembrar?

PÁG 10

Politreco: últimas  
manchetes do ano

PÁG 11

A corrida de sempre

PÁG 8

Poli Santos parali-  
sada

PÁG 5

Harry Poli

PÁG 9

Resenha: De que são  
feitas as coisas

PÁG 10

Tirinha da Cami

PÁG 11

USP Mining Team

PÁG 5

**EDITORIAL**

**A** cabar significa começar, seja um livro, um relacionamento ou uma casquinha da Miner-va. Afinal, no segundo do big-bang, alguns desejam outros, enquanto outros simplesmente querem o mesmo: sabor, sentimento, memória. Nesse caos da energia-matéria - ou do fim-início - as sinapses respiram próximos passos, confusas diante dessa arritmia de algum último suspiro. Contudo, amigos, não suspiremos. Tudo é começo. Assim, Clarice - fiel companheira dos nossos editoriais - nos disse: como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Ou, tal qual diria Galeano, como saber o que lembrar, se apenas a memória sabe o melhor para si?

Se não sabemos o fim porque tudo é começo, e se não o sabemos pelas memórias, que já se autodecretaram, não nos preocupemos. Nessa última edição d'O Politécnico do ano de 2016, não existe finito. Somos memórias. Engenheirando, equipe maior,

equipe menor, desafios, novas temáticas, velhos problemas, memória. De todas as perguntas sem respostas, escrevemos e pensamos como ato. E, dessa vez, falamos sobre a segurança na USP, em uma reportagem especial da sua atual situação.

Além disso, não deixe de conferir o Engenheirando do disco de vinil e da vitrola, cujas ranhuras nos segredam fins e inícios de músicas atemporais. Leia também sobre o Encontro Internacional de Liderança em Engenharia (EILE), organizado pelo Grêmio Politécnico.

Para fechar o ano e já começar o próximo, confira as nossas primeiras próprias Tirinhas, desenhadas por uma nova integrante, no Politreco. Lembre-se: sempre é tempo de (re) começar. A reunião do jornal ocorre toda quarta-feira às 11h, no Grêmio Politécnico, compareça! Agradecemos pela companhia durante esse ano, queridos leitores. Grande abraço da equipe. Até ano que vem!

**REUNIÃO**

**Quando? Todas as quartas!**

**Que horas? 11h**

**Onde? No Grêmio Politécnico**

**E depois: Quem vai bandejar?**

**EXPEDIENTE**



**O POLITÉCNICO**

São Paulo, Novembro de 2016 - Ano LXXI - Edição 05

**Editor Chefe:** Larissa Zipoli e Bruno Coutinho ("Novelo")

**Equipe Editorial:** Bruno Pereira, Bruno, Soiti, Camila Christine, Diego Andriolo, Guilherme Pereira, Shinobe, Luis Felipe Gaivão, Rafa Baldy, Ruan Rossato, Samuel Ducca, João Pedro Darim Azevedo.

**Tiragem** 1.000

**Diagramação:** Larissa Zipoli

**Impressão:** Volpe Artes Gráficas - 94101.8448

*Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação.*

**SUDOKU**

			4	8				
		5				4		2
	7						3	
	8		5			2		
6					8	7		
5	4		6		3		9	
			7	3		6		
2	6	4					5	7
7				6	5	8		

**Eleições Grêmio Politécnico 2017**

Datas importantes

Debate: **3 e 9 de novembro**

Eleições: **16, 17 e 18 de novembro**

Chapas inscritas:



Chapa AproximAção



Chapa Ágora



Estamos em Novembro, mas essa causa não tem mês. O Jornal O Politécnico apoia o Outubro Rosa! Politécnica, previna-se!

# Vira para mim, por favor?

## Mas cuidado para não arranhar!

**C**H<sub>2</sub>=CH- representa, na linguagem química, o radical vinil. Mas o vinil mais conhecido pelas pessoas é o LP (Long Play), cujo material de fabricação é o PVC, cloreto de vinila.

A bolacha musical começa sua vida como uma coroa circular de alumínio com o diâmetro externo de 35 cm e 2 mm de espessura. Ela recebe um banho de acetato de celulose, substância mole de cor preta, e é colocada em um torno de gravação. Uma agulha de diamante corta as faixas de sua superfície em espiral de acordo com os impulsos elétricos gerados pela vibração da música, gravada em fitas magnéticas ou em arquivos digitais, deixando um caminho irregular e microscópico. O produto desse processo é o *disco master de acetato* que, por ser frágil para passar pela leitura de uma agulha de toca-discos, é metalizado: esguichos de cloreto de estanho, para deixá-lo mais aderente a outros metais, de prata e de níquel, que se fundem, formam uma camada de metal duro. O master de acetato, que serviu de molde, é separado da camada e descartado, restando o *master de metal*, com as faixas em alto-relevo. Em seguida, ele é colocado em uma prensa com vinil derretido a 193 °C e com 100 toneladas de força para que as faixas em alto-relevo sejam gravadas. As ranhuras no vinil, em forma de V, carregam duas ondas separadas que se completam, formando o som estéreo. Por fim, o vinil seca, o excesso das beiradas é cortado e ele está pronto para fazer um som!

O toca-discos é composto por uma base com um prato circular que gira em sentido horário, movido por uma correia propulsora e um motor elétrico, e um pino central para fixar o LP. Depois de colocado o disco, a agulha, feita de safira ou diamante com ponta no formato de cone para ler as ranhuras, é posicionada

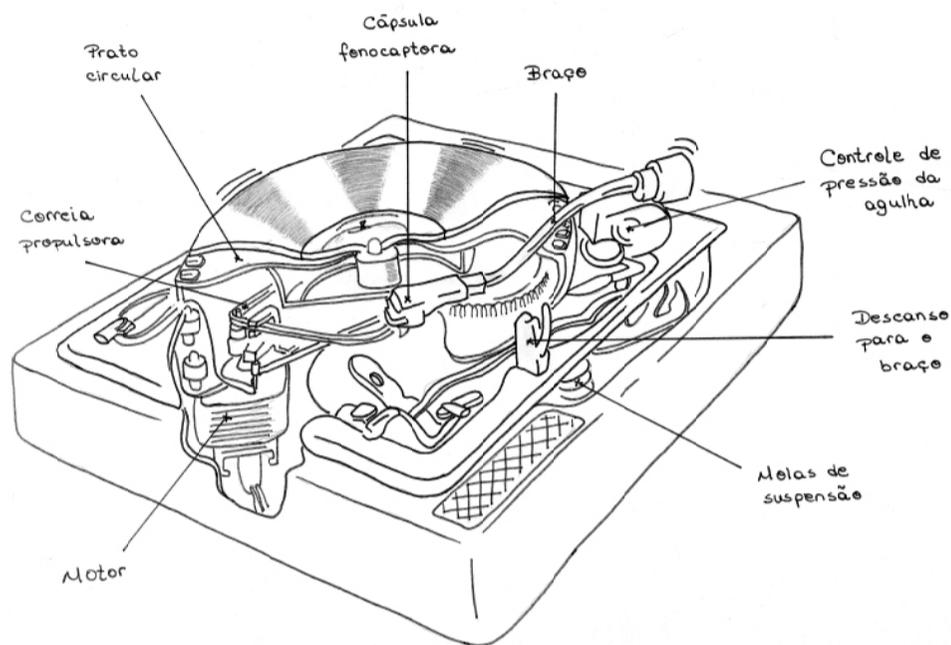
para iniciar seu trabalho. O prato, então, começa sua dança, podendo ser ajustado para 33 ou 45 rpm, e a agulha vai percorrendo os sulcos e vibrando de acordo com o relevo. Na extremidade do braço da agulha está a cápsula fonocaptora, contendo um ímã e uma bobina, onde chegam as vibrações. Assim, ocorre uma interferência no campo magnético gerado e a energia mecânica é transformada em sinais elétricos, os quais fazem uma *Magical Mystery Tour* pelos fios. Então, no alto-falante, o sinal elétrico, em corrente alternada, passa por uma bobina e gera um campo magnético. O movimento de atração e repulsão do ímã, que ocorre muitas vezes por segundo, faz uma estrutura côncava de plástico ou papel, chamada de diafragma, vibrar. Dessa maneira o ar vibra junto, criando as ondas sonoras. E nessa física toda, rola aquela química com nossas músicas favoritas.

O canal Applied Science do YouTube fez um vídeo ("Electron microscope slow-motion video of vinyl LP" - <https://www.youtube.com/watch?v=GuCdsyCWmt8>) em câmera lenta da ação da agulha nos sulcos do LP usando o microscópio eletrônico. Para isso foi necessário que o vinil fosse coberto com uma película de prata, já que o microscópio eletrônico bombardeia elétrons no material para obter as imagens e, assim, só é capaz de "ver" materiais condutivos. No vídeo também há micrografias eletrônicas de outras mídias físicas como CDs, DVDs e um disco eletrônico.

Antes de colocar o som na caixa, vamos dar uma volta pela história. Thomas Edison - o inventor da lâmpada mesmo - sabia que o som é uma onda e, em 1877, encaixou uma agulha no diafragma de um telefone para que ela gravasse a impressão do som sobre um papel em movimento. Assim, criou o fonógrafo: um

cilindro metálico coberto com uma folha de estanho, que girava no sentido longitudinal acompanhando uma alavanca manual. As ondas sonoras vibravam uma membrana, fazendo com que uma agulha criasse um sulco na folha metálica, e o som era gravado enquan-

Microscopia eletrônica do LP e da agulha do toca -discos



to o cilindro girava. Uma segunda agulha estava instalada do outro lado juntamente com um amplificador e o som se reproduzia com a leitura dos sulcos pela agulha quando o cilindro era recuado ao começo. Apesar de o fonógrafo ter a capacidade de gravar e reproduzir sons, era difícil de ser usado e a folha metálica em que eram realizadas as gravações duravam pouco tempo.

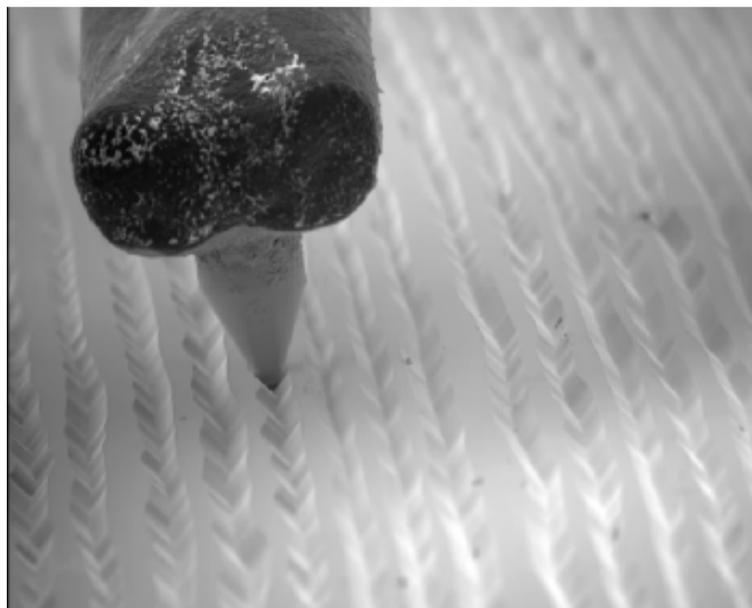
Dez anos mais tarde, o inventor alemão morador dos EUA, Emile Berliner fez um mecanismo que fazia um disco de borracha dura girar em um disco plano movimentado por uma manivela. Essa máquina foi chamada de gramofone e só era capaz de fazer gravações. A empresa de Berliner, então, se fundiu com a de Eldridge Johnson, um outro inventor.

Com o objetivo de que o aparelho se encaixasse melhor na disposição das casas, Johnson modificou o projeto do gramofone, e colocou a corneta para baixo. O novo modelo ficou conhecido como Victrola e, na metade do século XX, a maioria das famílias possuíam pelo

menos uma. Algumas tinham o aparelho em sua forma mais simples, outras, porém, podiam colocar vários discos de uma vez. Mas reinado durou até a chegada das fitas cassetes, na metade dos anos 80.

Para matar a saudade das melhores músicas, no lado A, daqueles discos que não deveriam ter dois lados e do chiado característico, as vitrolas e os discos foram trazidos para a década de 10 do século XXI. Sebos têm seu acervo de bons discos esgotados rapidamente e novos-velhos LPs não param de ser fabricados. Não vivi no auge dos toca-discos, mas faço das palavras de Big Charles, as minhas: "Felizes os que colocaram uma maçã no prato do toca-discos e mataram a sua fome de música.", em referência aos LPs dos Beatles da Apple Records.

Rafa Baldy  
Engenharia de Materiais - 2º ano



O tio Thomas Edison e seu fonógrafo, mais uma invenção para o seu CV



# EILE: um encontro de liderança

**D**urante a Semana da Pátria, ocorreu no campus da Engenharia de Petróleo, em Santos, um dos eventos mais esperados do ano: o Encontro Internacional para Liderança na Engenharia (EILE), organizado pelo Grêmio Politécnico. Tendo como cerne o tema “Cidade do Futuro”, foi um evento que uniu alunos da Poli, intercambistas, autoridades, peritos e jornalistas em prol da promoção da liderança na engenharia.

Os cinco dias de duração do evento foram repletos de palestras e atividades relacionadas ao tema, que propunham reflexões a respeito de questões como urbanismo, mobilidade urbana, smart-cities, dentre outros.

A divisão dos alunos participantes foi em 6 grupos, cada um comportando brasileiros e também estrangeiros, grupos esses que pensaram em problemas para os quais passaram então a elaborar soluções. Os alunos terão até novembro para desenvolver seus projetos, com o auxílio de professores, concorrendo a um aporte financeiro de cerca de R\$10 mil reais para a conclusão do melhor projeto.

Dos destaques do evento, a troca de experiência entre cursos e faculdades nacionais e internacionais pode ser prontamente posta como um sucesso, visto que houve grande interação entre alunos da Poli, de outras instituições e intercambistas durante a execução das atividades e projetos. Dos 44 alunos participantes, 9 universidades e 6 nacionalidades foram contempladas com a presença no EILE, o que demonstra um importante aspecto integrativo do evento.

Toda essa integridade acaba tendo muita importância para o aspecto de



maior relevância do Encontro, que é o de aplicação dos conhecimentos da engenharia e o espírito de liderança cultivado pela Poli com o propósito de alcançar inovações em meio à vida nas cidades. Por contar com uma enorme bagagem cultural de alunos de diferentes partes do mundo, o grupo acaba tendo uma notável capacidade de brainstorm, com um grande empoderamento estudantil, como explica o aluno do 3º ano de Engenharia de Petróleo, Luiz Felipe Niedermair, que participou do evento.

Segundo Luiz, um dos fatores determinantes para o êxito do EILE e para o posterior alcance de projetos inovadores que impactam positivamente a sociedade foi a confluência de modos de pensar tão diferentes em um ambiente propício.

Além disso, ele resalta um elemento essencial, que consiste no espírito de vencer e estimular o ideal de liderança de forma a trazer uma vida melhor para as pessoas, fazendo a diferença.

Ainda segundo Luiz, a realização do evento em Santos foi de suma importância para a obtenção do êxito do EILE. “A exemplo de fatores que colaboram para isso, destaco o fato de os participantes oriundos de São Paulo estarem em outro ambiente, numa cidade que tem problemas a serem resolvidos, mas que também é um berço de inovação nacional e mundial de inúmeros projetos que certamente nos inspiram a ir um pouco além”.

Questionado também sobre a influência do evento em sua formação pessoal,

ele ainda conclui: “conforme diz o filósofo Mario Sergio Cortella, acredito plenamente que meu particular propósito de vida seja poder fazer a diferença na vida das pessoas e deixar um legado positivo para a sociedade. Tenho a plena certeza de que o EILE contribuiu para tornar ainda mais forte essa chama”.

*Guilherme Antonio Pereira Pinto  
Engenharia de Petróleo – 1º ano*





## USP Mining Team

Você conhece a Engenharia de Minas? Sabe pelo que são responsáveis os profissionais que atuam nessa área? Tem ideia da importância que a mineração tem em nosso país?

Apesar de pouco conhecida, a área de mineração é essencial para a sociedade e muitos não sabem disso. Pra quem nunca ouviu falar, os Engenheiros de Minas são os profissionais que cuidam da extração de bens minerais, como ferro, alumínio, cobre, ouro e diamante, presentes na Terra. Sabe as latinhas de cerveja e refrigerante, as telhas da sua casa, o vidro da janela do seu carro, o asfalto das ruas, o computador e o celular que você usa todo dia? Então, tudo isso veio da mineração!

O Brasil é um dos 5 maiores países produtores de minério do mundo. Como uma área tão importante, que movimenta mais de US\$ 40 bilhões e emprega mais de 214 mil pessoas em nosso país, é tão pouco conhecida pela grande maioria da sociedade brasileira? Com a ideia de mudar este cenário e fazer as pessoas saberem o que é a mineração, o que são os Engenheiros de Minas e o que eles fazem, surgiu o projeto USP Mining Team. Através dele vamos fazer a diferença e tornar a área mais valorizada como acreditamos que ela deve ser!

Para conseguir tudo isso, nosso pri-

meiro passo foi montar uma equipe com alunos de Engenharia de Minas da Poli/USP e começar a arrecadar recursos suficientes para participar da próxima edição do International Mining Games, a maior competição mundial da área de mineração! Acreditamos que a participação num evento internacional será a primeira etapa para aumentar a visibilidade dessa área no Brasil.

Os Jogos Internacionais de Mineração são uma competição anual composta por várias provas relacionadas à mineração e reúne profissionais, estudantes e empresas patrocinadoras de todo o mundo. A competição já acontece há 38 anos e tem como objetivos principais manter vivas as técnicas utilizadas nas minerações antigas bem como promover o encontro e estreitar as relações entre os estudantes de Engenharia de Minas do mundo todo.

Atualmente a competição conta com a participação de mais 40 equipes de todo o mundo, sendo a equipe da Universidade Federal de Alfenas o único representante do Brasil e da América Latina.

Nesse contexto, com o intuito de promover a Engenharia de Minas no Brasil, fortalecer a identidade do curso dentro da Escola Politécnica e integrar e desenvolver os estudantes ainda na graduação e representar a Poli, a USP e o Brasil no

cenário mundial, o projeto USP Mining Team, patrocinado pelo LACASEMIN, HDA Serviços, IBRAM e CBMM, surgiu para levar mais uma equipe brasileira para a próxima edição do International Mining Games. A 39ª edição vai acontecer entre os dias 21 e 26 de março de 2017, em Lexington, Kentucky, Estados Unidos.

E enquanto a competição internacional não chega, queremos realizar as provas aqui no Brasil! Para isso, a ideia é criar um Centro de Treinamento aqui nas dependências da Poli/USP, para que todos os alunos que tenham interesse em conhecer a competição venham treinar conosco. Assim, conseguiremos organizar competições entre os próprios estudantes da Poli, criando momentos de aprendizado, descontração e integração e, assim, tornar o curso mais atrativo para aqueles que nunca tinham ouvido falar da nossa profissão!

Além disso, com a ida da USP para os Mining Games, queremos incentivar estudantes de Engenharia de Minas de outras universidades a também participarem da competição, trazendo assim a cultura desses jogos aqui pro Brasil e criando, no futuro, uma competição nacional entre as várias faculdades brasileiras.

E é dessa forma que alcançaremos



nossa meta de fazer com que o nosso curso seja conhecido e prestigiado em todo o país!

Se interessou pela iniciativa? A equipe está à disposição para maiores detalhes sobre nossas atividades. Visite nosso site ([www.uspminingteam.com.br](http://www.uspminingteam.com.br)) ou página do facebook ([facebook.com/uspminingteam](https://facebook.com/uspminingteam)) e entre em contato!

*USP Mining Team*

## Poli Santos paralisada

Durante os eventos de paralisação da Poli, a gestão CAPS 2016 organizou uma programação especial para o campus de Santos, visando não somente a imersão dos alunos de Engenharia de Petróleo nos assuntos que afligem toda a USP como também a discussão mais prática de problemas internos da Poli-Santos, com o objetivo de refletir e buscar soluções viáveis.

Nesse sentido, durante a manhã do dia 14 de setembro, houve uma série de transmissões ao vivo de palestras e sabinas que aconteceram em São Paulo. Além disso, o principal atrativo do dia da paralisação, foi o debate que estava marcado para o período da tarde.

Assim, após o almoço, a paralisação foi total e diretamente voltada para os problemas que afligem a Poli-Santos e o campus que ocupa na Baixada, dessa vez, atraindo um considerável público e lotando uma das salas de aula do edifício Cesário Bastos.

Num primeiro momento, apenas alu-

nos estiveram presentes na discussão, que envolveu tópicos estruturais e acadêmicos do campus e cumpriu com os objetivos de transmitir informações aos alunos e explicar questões de interesse coletivo dentro do ambiente caçara da Poli. Foram abordados desde temas como a restauração e ampliação do edifício até refeição, serviços de xerox e as recorrentes tentativas de regulamentação da documentação do Cesário Bastos como patrimônio da USP.

Também foram discutidos tópicos como módulos vermelhos, contratação de professores, IC's e oferecimento de optativas. Além desses, debateu-se a respeito da intenção de levar novos cursos até Santos, da formação do Diretório dos Grupos de Extensão da Poli-Santos, bem como da representatividade do CAPS junto ao Grêmio, à Atlética e ao Diretório Acadêmico.

Num momento posterior, a participação de docentes da Poli-Santos possibilitou maior informação a todo o debate

promovido pela paralisação. De maneira transparente, os alunos puderam saber dos principais entraves aos projetos de restauro e melhorias do campus e imediatamente puderam se organizar em busca de soluções, iniciando por um abaixo-assinado que transitou pela faculdade nos dias seguintes a favor da liberação da documentação que transfere o edifício para a USP.

De maneira geral, sob a perspectiva do comprometimento observado, o dia de paralisação em Santos foi proveitoso e importante para os alunos de Petróleo, devido a fatores como a ativa participação de muitos desses em discussões reais sobre problemas que a Poli-Santos enfrenta, além da consciência de serem agentes de mudança do contexto universitário em que estão imersos, assim como revelaram a importância desse tipo de evento para o debate nesse ambiente universitário.

Sendo assim, apesar de terem existido críticas e sugestões quanto a proble-

mas decorrentes do gap temporal entre a greve na USP e o dia de paralisação da Poli, pode-se dizer que houve a percepção de que foi possível debater sobre a Escola Politécnica com programações distintas entre São Paulo e Santos, de modo complementar, mostrando que a Poli ainda deve se inteirar em causas importantes e buscar ser notada por também fazer parte do debate democrático.

*Guilherme Antonio Pereira Pinto  
Engenharia de Petróleo – 1º ano*



**N**ão são raras as vezes em que relatos de roubos (quando há contato com a vítima, violência ou ameaça), de furtos (quando não há contato com a vítima) ou de alertas sobre locais mais perigosos são feitos nos grupos da Poli no WhatsApp e no Facebook. Em 2015 houve, inclusive, estupros de um aluno perto do prédio da Engenharia Química e de uma aluna na praça do relógio, além de um aluno que foi baleado numa tentativa de roubo no ponto de ônibus da FFLCH.

A segurança na USP esteve sempre em pauta e, em 2015, um novo projeto foi feito. O Professor José Antonio Visintin, Superintendente de Prevenção e Proteção Universitária, planejou a implementação da polícia comunitária, a construção de duas bases da PM, a criação do Conseg, ao menos 42 policiais militares no campus e a aquisição de novas câmeras para assim conseguir a redução da criminalidade.

De acordo com a Polícia Militar que atua na Cidade Universitária, entre o primeiro semestre de 2014 e o primeiro semestre deste ano, houve uma redução de 93,75% nos roubos de outros (exceto de veículos e de bancos), 83,33% nos roubos de veículos, 81,23% nos furtos de outros (exceto de veículos e de bancos), uma queda para zero nos furtos de veículos e nos roubos e furtos em bancos (como explosões dos caixas eletrônicos). Em 2014 não ocorreram sequestros relâmpagos e estupros, contudo houve um pequeno aumento em 2016. Vale ressaltar que esses são dados obtidos dos Boletins de Ocorrência e, assim, podem não refletir a realidade, já que nem sempre se registra o ocorrido.

O policiamento comunitário - uma linha da Polícia Militar especializada em direitos humanos - foi implementado em setembro do ano passado e é inspirado no programa japonês Koban. Nesse projeto especial para a USP, os policiais têm de 18 a 26 anos, cursando gradu-

ação ou com nível superior completo e atuam permanentemente na Cidade Universitária. Assim, segundo o Professor Visintin, não se trata de um efetivo de ação forte e sim daquele que conhece o meio acadêmico, o qual é muito diferente do ambiente dos bairros. "Acho que Polícia Militar é revolução de 64. Projeto Polícia Comunitária USP é 2015. Estamos tratando de um local universitário, não é um local de terrorismo.", disse o Professor Visintin.

O projeto prevê 82 policiais, mas hoje há 62, divididos em dois turnos das 5h às 23h e uma base com 2 policiais que funciona 24 horas por dia. A equipe é comandada por uma coronel e seu efetivo tem 40% de mulheres, para que diante de um chamado realizado por uma mulher vá, prioritariamente, uma policial fazer o atendimento. Para a vigilância do campus há 10 bicicletas, duas motos, dois carros, uma base móvel e um trailer. Duas bases fixas estão em construção, uma na Rua do Anfiteatro, perto do Bandeirão Central, e outra no P3, onde está o trailer que irá para a região do portão de pedestre da São Remo.

A atuação dos policiais militares da USP é focada para o combate da criminalidade. Na Av. Prof. Mello Moraes, haviam muitos sequestros de manhã, quando as pessoas estacionavam os carros para fazer exercícios e, com a atuação da PM, não teve mais registros desse crime. O mesmo aconteceu nos arredores do P3 que, com a presença do trailer, os ônibus não foram mais assaltados. E agora, o crime mais praticado no campus é o furto de estepes, que migra de lugar a cada dia. A polícia, além de montar uma estratégia para conseguir deter a quadrilha, circula à paisana pela Cidade Universitária para tentar prender os criminosos em flagrante.

Em casos de ameaça, a Polícia Militar é acionada, como ocorreu com o recente incidente do ônibus queimado - um conflito que começou externo à USP,

mas acabou envolvendo-a por conta da visibilidade que o nome da universidade proporciona. Como a empresa responsável pelos ônibus bloqueou a sua circulação por causa de boatos de mais ataques, a PM entrou em contato com a firma e garantiu a escolta dos veículos.

No campus há também a ação da Guarda Universitária, que conta 22 motos, 23 carros e 65

funcionários, divididos em três turnos, 24 horas por dia. Sua função é controlar o patrimônio, acompanhar passeatas, checar o trabalho dos vigias terceirizados e fazer ronda na USP inteira, tanto nas ruas, quanto dentro dos prédios. Eles não possuem uma rota definida, já que o crime migra e, durante alguns períodos, os carros da guarda estacionam nas rampas de retração em pontos críticos da segurança, sendo orientados a ficarem sempre atentos. Eles fizeram cursos de primeiros socorros pelo SAMU, de segurança e realizarão cursos no bombeiro, na CET e no DENARC, para o reconhecimento de drogas e para dar um maior auxílio ao usuário. Contam também com desfibriladores e um carro munido com um kit de primeiros socorros. Como não são armados por não ter preparo para tanto, possuem contato direto com a Polícia Militar. Além disso, em casos de ocorrência de crime, a Guarda auxilia a vítima. A exemplo disso, se um estepe for roubado, eles levam o proprietário até a delegacia e o acompanham para garantir um atendimento rápido e a realização do Boletim de Ocorrência.

Segundo o Professor Visintin, o papel da Guarda Universitária e da Polícia Militar é proteger, e não prejudicar. Além disso, ele afirma que, no caso de um aluno utilizar drogas, ele não será preso, mas sim alertado sobre seus malefícios. Contudo, se for um caso de dependência, além de alertar o aluno, eles afirmam planejar uma conversa com a família e tentar convencê-lo a iniciar um tratamento, por meio do Serviço de Alcool e Droga na USP. A intenção da Universidade é que o aluno estude e, se ele se tornou dependente químico ou alcolátrico, ela oferecerá ajuda para que ele se recupere. O Professor pede para que aqueles que precisam de ajuda procurem a PM ou a Guarda Universitária e garante sigilo absoluto.

O novo projeto prevê também a ins-

talação de 400 câmeras na Cidade Universitária. Elas serão colocadas nas portarias, nos trajetos principais, nas áreas externas aos prédios, nos bolsões de estacionamento, nos pontos críticos, como a região do HU, e nas ruas no entorno do campus, as rotas de fuga. A infraestrutura já está sendo feita e a licitação de 200 câmeras já foi realizada. Para que assim, a instalação possa ser feita em etapas e ter seu funcionamento juntamente com o software de gravação testado, de modo que qualquer erro possa ser reparado. Além do monitoramento da movimentação, as câmeras farão a leitura de placas de automóveis para que, no caso de um veículo roubado, a polícia consiga capturar os criminosos. Hoje, a Guarda Universitária é a responsável por monitorar as câmeras já presentes no campus, mas, no futuro, a Polícia Militar também terá acesso. E como o monitoramento de todas as câmeras simultaneamente é impossível, eles contam com o auxílio de denúncias que podem ser feitas facilmente pelo novo aplicativo.

Em setembro foi divulgado via e-mail o novo aplicativo "Campus", que permite a comunicação da Comunidade USP com a Central de Operações da Superintendência de Prevenção e Proteção Universitária (SPPU). Ele está disponível para os sistemas Android e iOS, ocupa cerca de 23MB, não permite ser transferido para o cartão de memória e pede o número do telefone celular do usuário, seu número USP e a senha única. É possível ligar diretamente para a Guarda Universitária, ver um mapa que mostra os pontos em que os crimes registrados ocorreram, acionar o estado de alerta para deslocamentos a pé em que, ao agitar o celular, um chamado de emergência é enviado e registrar ocorrências como furto ou roubo, sequestro, atividade suspeita, vandalismo, problemas de trânsito, buraco na via, iluminação pública, vazamento de água e animais no campus. Quando o alerta de emergência é acionado, o aparelho vibra, uma campainha toca na Guarda Universitária e eles retornam a ligação em seguida. Se você não atender a chamada, uma via-tura é acionada e enviada para a sua localização. Durante a conversa com O Politécnico, o Professor Visintin fez um teste dessa função e o retorno da chamada demorou 6 minutos e 50 segundos, já no teste realizado pela nossa equipe o tempo foi de 2 minutos e 18 segundos. O Professor contou que pretende criar uma opção voltada para as mulheres para ter um atendimento especializado por mulheres da PM, em casos de estupros ou agressões.

Em uma pesquisa feita nos grupos da Poli, no Facebook e no WhatsApp, e enviada para 163 e-mails de funcionários e professores da Poli, foram obtidas 259 respostas: 47,9% afirmaram não conhecer a existência do aplicativo e 47,5%

*Continua na página 7 >>>*



acharam o aplicativo útil, mas ainda não o utilizaram. Em vista de sua baixa popularidade, o Professor organizará uma divulgação em todas as unidades, mas, mesmo assim, afirma que já foram recebidas mais de duas mil chamadas entre todas as funções disponíveis. No dia 23 de setembro, a equipe d'O Politécnico usou a função de "registrar ocorrência: buraco na via" para o buraco no estacionamento do Biênio, em frente à minerva. Dois e-mails foram enviados, um confirmando o registro e outro informando que o relato foi encaminhado para a área responsável, mas nenhuma providência foi tomada.

Outro quesito já cumprido do novo projeto foi a reforma na iluminação do campus. Foram investidos 140 milhões de reais em iluminação de LED nos campi da USP. Constantemente é feita uma verificação para garantir que nenhuma luz que tenha queimado não seja trocada e para que novos pontos escuros sejam notados e iluminados, como ocorreu com o local onde a Rateria realiza ensaios. O crescimento das árvores é um outro problema, já que elas são podadas periodicamente com uma licença ambiental, mas como a quantidade é enorme, o serviço é demorado. Para não atrapalhar a iluminação e não camuflar os criminosos, muitos arbustos foram retirados. Nas palavras do Professor Visintin, "a USP de noite está um dia". Apesar disso, na mesma pesquisa citada, 72,7% responderam não estar contentes com a iluminação, o que reflete, talvez, que ela foi ineficaz por muito tempo.

A equipe de O Politécnico, então, percorreu a Cidade Universitária em uma terça-feira das 19h às 20h e notou que a iluminação está adequada nos principais trajetos do campus. Foram notados pontos não tão bem iluminados no fim do estacionamento do CEPEUSP Raia Olímpica, na Av. Prof. Mello Moraes, no gramado entre o IAG e o IF, na Rua do Matão e nos cantos do bolsão de estacionamento e no gramado com árvores em frente à Química, Av. Prof. Lineu Prestes. Entre a Prefeitura e o HU, ponto crítico da segurança, havia somente um carro da Guarda Universitária, a base móvel da PM estava parada em frente à entrada do IPEN, mas não havia nenhum policial por perto e somente uma viatura na Av. Prof. Mello Moraes. Na maioria dos bolsões de estacionamento não havia vigias e no estacionamento da Poli havia somente três, nas guaritas das duas entradas e em frente ao prédio da Civil.

Dentro dos prédios a segurança é feita, majoritariamente, pelos vigias e porteiros terceirizados. Na maioria deles é obrigatória a apresentação da carteira ou a identificação na portaria, mas ainda há os prédios em que o acesso é livre, como o Biênio. Na parte interna e nos bolsões de estacionamento estão os vigias que devem andar por um raio e descansar em um ponto fixo, como nas guaritas. A orientação é para que nos

momentos de menor movimentação apenas a entrada principal permaneça aberta, permitindo que haja um controle maior de entrada e saída. Contudo, por causa da crise na universidade houve uma redução no número desses funcionários.

O Professor Visintin afirma que a USP é, sim, um local público, para ensino, pesquisa e extensão, e que não ficará aberta durante a madrugada, assim como acontece em parques. A maioria dos portões do campus serão fechados às 20h e a saída será mais concentrada, mas com um aumento de fluxo de circulares para atender aos alunos do período noturno ao final de suas aulas. Os portões de pedestres estão em reforma, contarão com câmeras de monitoramento dentro e fora da entrada e também serão fechados depois de um horário, assim como o portão da CPTM que será concomitante ao fechamento do trem. A intenção é fechar os portões que apresentam risco e que são rotas de fugas, como o do IPT, já que quando era aberto, ele proporcionava fuga rápida aos criminosos. O próprio instituto deixou somente a entrada na Praça Ramos de Azevedo, pois seus prédios e funcionários eram diariamente roubados. Para alunos que precisem, por exemplo, verificar experimentos de madrugada, a entrada será permitida com a apresentação da carteirinha e seu caminho será acompanhado através das câmeras de monitoramento.

A ideia é ter um controle maior dos portões ao longo do dia inteiro ou com a apresentação da carteirinha, como ocorre na USP Pirassununga, ou com um sistema parecido com o "Sem Parar". Contudo, este seria um projeto complexo, já que deve-se oferecer um anel viário no entorno da USP para que o trânsito, já caótico, não piore, além de as portarias terem que ser afastadas da entrada para não criar uma fila e atrapalhar o tráfego e a entrada do HU teria que ser reformada para que sua entrada seja externa ao campus, da mesma maneira que farão na USP Ribeirão Preto. Então, as entradas seriam mais restritas à Comunidade USP, permitindo um controle maior de quem circula no campus e evitando a entrada de pessoas com carteirinhas falsas, como ocorria com frequência aos domingos.

Ocorrem muitos furtos dentro dos circulares e ônibus, mas o controle dos passageiros é muito difícil de ser feito. A única solução seria colocar câmeras de monitoramento, como já existem em outras linhas, e conversar com a empresa responsável para que sempre seja enviada a mesma frota. Também é importante ficar sempre atento a atitudes suspeitas e não deixar aparelhos celulares, carteiras e outros objetos de valor em lugares de fácil acesso.

A criação do Conseg, Conselho Comunitário de Segurança, está sendo finalizada. Como é um Conseg especial para a USP, terá professores, alunos e



funcionários na sua equipe. Seu objetivo será discutir como está a segurança na Universidade, checar o que não está funcionando, melhorar a distribuição da Guarda Universitária, verificar as portarias e ter reuniões mensais. Será criado também um grupo externo composto por policiais militares, delegados, representante da reitoria, representante da Comunidade USP e até mesmo empresários que estejam interessados em ajudar e uma equipe de trabalho na Cidade Universitária em conjunto com o IPT, IPEN, Marinha e Subprefeitura do Butantã. Assim os problemas do dia-a-dia como os de trânsito ou estouros de cano serão resolvidos rapidamente.

A Folha de São Paulo publicou que um curso de defesa pessoal seria dado aos alunos, mas o Professor Visintin desmentiu e afirmou que nenhum aluno estaria preparado para enfrentar criminosos, "quem morre afogado é quem sabe nadar, quando tem muita confiança". Em casos de roubos a melhor reação é entregar tudo o que for pedido, contatar a Polícia Militar ou a Guarda Universitária em seguida e registrar um BO.

Naquela pesquisa, 93,8% são da Escola Politécnica e a maioria, 85,7%, frequenta a Cidade Universitária cinco vezes por semana, principalmente na Poli, nos Bandejões Central, da Prefeitura, da Física e da Química, na FEA, no CEPE, na ECA, na FAU, no IF, nas praças e no IQ e a grande parte entra e sai pelos portões P1, P2, P3, P' e nos Portões de Pedestre da CPTM, da Vila Indiana e do Instituto Butantã. Das 259 pessoas: 10,6% foram vítimas de furtos, 2% também foram de furtos, mas não podem afirmar que foi no campus, e 2,4% de roubo; 61,6% conhecem alguém que foi vítima de furto, 38,4% conhecem vítimas de roubo, 7,1% conhecem vítimas de furtos, mas que não têm certeza se o crime foi praticado no campus, 5,9% conhecem vítimas de violência sexual e 5,5% conhecem vítimas de sequestros. Deles, apenas 3,5% se sentem seguros sempre, 43% se sente seguro na maioria das vezes, 4,3% não se sentem seguros nunca, 9,7% não se sentem seguros na maioria das vezes e 39,5% se sentem seguros somente quando está dentro dos prédios ou em lugares com grande movimento. Sobre a presença da Polícia Militar no campus, 70,5% são a favor, 15,1% são

contra e o restante não tem opinião.

Os relatos feitos nas pesquisas são de furtos de celulares, calculadoras, computadores e equipamentos de laboratório e estepes, roubos de carros e bicicletas e violência sexual. Além disso, em um espaço reservado para comentários

eles reclamaram que há trechos muito desertos, pouco monitoramento, pouco policiamento, nenhum controle de acesso nos portões, carros em alta velocidade e pessoas e bicicletas correndo na contramão sem nenhuma punição ou alerta e vigias inativos que ficam dentro da guarita sem prestar atenção. Há também sugestões para a melhoria da segurança, mas todas elas vão ao encontro do projeto.

Como afirmou o Professor Visintin, "não é só a Polícia Militar e a Guarda Universitária, a segurança somos todos nós (...) ela é compartilhada". Devemos todos seguirmos as instruções divulgadas no folheto de segurança SSPU, que pode ser encontrada no site da Prefeitura do Campus (<https://www.puspfc.usp.br/?p=209>). As postagens nos grupos chegam aos ouvidos da SPPU, segundo o Professor, mas mesmo assim é importante que Boletins de Ocorrência, denúncias pelo aplicativo ou mesmo por contato direto com a Polícia Militar ou com a Guarda Universitária sejam realizados para que o atendimento e a solução do problema sejam efetuados de maneira mais eficiente. É necessário que as melhorias sejam sempre cobradas e que cada indivíduo faça sua parte, como, por exemplo, respeitando as leis de trânsito dentro e fora dos estacionamentos.

\* Até o dia 27/11

Rafa Baldy  
Engenharia de Materiais - 2º ano  
Fotografia por:  
Samuel Ducca  
Engenharia Elétrica - 1º ano

## Telefones úteis

**Guarda Universitária**  
(24h por dia):  
(11) 3091-3222 / 4222

**Polícia Militar: 190**

**Bombeiros: 193**

**SAMU: 192**



# Front da criação

O homem cria a Arte, enquanto a Arte recria o homem. Essa força de agir sobre os seres como o sonho ou a derrota o fazem, reinventando o real em irreal, traduzindo o intraduzível, dizendo o indizível, exprimindo o inexprimível, como afirmava Leonardo da Vinci, faz da arte o resgate da essência da vida: o poder de criar sentido

Desde o primitivismo o homem passou a criar imagens da sua luta de todos os dias. Talvez, quisesse representar seus feitos, revelar seus sonhos, denotar o ímpeto do momento ou a história de toda uma civilização, isto é, tentara criar sentido para a dança de neurônios em seu cérebro, conectando o plano ininterpretável em significados subjetivos reais: imagens lascadas. Logo, a mente humana ao valer-se da intenção artística, da procura de significantes em significados, transformara planos numéricos em planos fenomenais, símbolos os quais mais tarde, instigariam mais neurônios, novas ideias, memórias e sentimentos. Nessa perspectiva, a abstração da definição da arte denota a mais cansativa busca do ser humano: a atemporal ex-

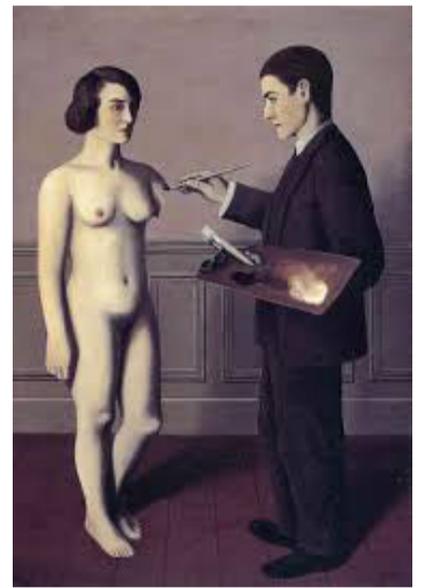
pedição pela identidade, daquilo que possa ser explicado, da configuração das origens e dos desejos, procuras as quais caracterizam a definição do "Eu" ou do outro, o "de onde se veio" ou o "para onde se vai" e, até mesmo, uma possibilidade de controle do incontrolável, como as ideias.

Assim, o cinema de Hitler criara alienações e perspectivas de vitória e heroísmo para uma população temerosa, a música saciara os ouvidos surdos de Beethoven pela sensação da batida, a ficção salvara Goethe do suicídio real na pele do Jovem Werther, a tinta se desmantelara em horrores no quadro de Guernica revelando gritos e morte figurados e é assim que, usando-se de símbolos e intenções, a arte acaba por gerar significados e comunicar universalmente.

Do mesmo modo, a tentativa de controle determina a mesma busca pela significação como a anacrônica catalogação de genes, a desmitificação de forças invisíveis do Universo ou a discussão de evolucionismo versus criacionismo. Logo, na guerra da verdade, seja dos autos ou da própria identidade, o homem

foi resvalando suas marcas na história, construindo civilizações, matando Deus como afirmara Nietzsche ou canibalizando-se como o lobo ao seu lado.

Nesse front surgira a arte, a única criação desse perdido "homo sapiens" que cria novos "homo sapiens", isto é, a criação que renova o criador o qual deixa de ser cego, surdo e mudo da própria realidade. Assim como, na Arte, as armas são a liberdade de significação e os suprimentos são como o "véu de Maia" schopenhauriano - isto é, a atemporal supremacia das derrotas acima das vitórias - da vida que alimenta as ideias, soldados que passam a nascer e morrer por causas perdidas diante do inimigo chamado razão.



*Tentando o Impossível*  
por René Magritte

Larissa Zipoli  
Engenharia Civil - 2º ano

# A corrida de sempre

É um dia chuvoso. Daqueles que encharcam os sonhos dos que podem desfrutar unicamente da gelada calçada do restaurante barato do outro lado da rua para esticar os ossos. Sinto o vento infiltrar-se nas frestas de meu pesado casaco e as gotas chicotearem minhas faces descobertas. Chego à estação de metrô e esbarro no aconchego paradoxal do calor humano. Ao entrar no vagão mais próximo, fixo meus pensamentos no suave fechar das portas, subitamente interrompido pela bolsa de uma senhorinha cuja postura fora curvada pelo inevitável passar dos anos. No momento, eram duas as opções a seu dispor: segurar firmemente a papelada médica, que certamente custara a obter, para mostrá-los a um ser descontente que atrasaria a consulta em pelo menos 40 minutos; ou segurar a si mesma. A outra mão livre sustentava o peso de seu corpo frágil, já enrugado e permeado com veias esverdeadas, numa bengala pastel que se fundia ao seu tom de pele. Antes de oferecer ajuda percebo o quão irresistível é me preocupar com o pouco tempo que restava até meu des-

tino. O ruído do alarme que desesperava o trabalhador apressado atrapalha a batida da música que sai de meus sujos fones de ouvido. Que demora. Mais uma vez, a missão de colocar o trem em movimento é impedida. O pedido de desculpas murmurado é estapeado pela enxurrada de muxoxos e pelo ar solto de pulmões estressados. Uma moça de lábios chamativos e pálpebras cintilantes levanta do banco preferencial. Finalmente. Enxergo pelo canto dos olhos uma tímida movimentação. Os fios prateados e rebeldes que haviam desviado dos grampos, escapavam por baixo do lenço estampado e sumiam cambaleantes entre os passageiros. Eu só estava feliz por saber que meus cálculos talvez estivessem corretos e os olhares de reprovação estariam extintos do meu dia. Olho à minha frente e me deparo com as mesmas portas que tanto custaram a fechar salpicadas pela chuva. Sempre há a gota diferente, aquela mesma que aparenta querer provar alguma coisa escorrendo sobre as outras ao invés de ficar parada em seu devido lugar. Patético. Deslizando com singularidade, une-se à

vizinha, desmancha a menor, deixa seu rastro estampado no empoeirado vidro. O trem freia bruscamente e caio em cima de uma jovem à minha esquerda. Paramos. Tenho vergonha o suficiente para ignorar as formalidades exigidas nesse tipo de situação. Ninguém reclama. Eu reclamo, onde está o quadro de gotas de há pouco? Vejo apenas linhas disformes riscadas à direita devido a uma lei que me citaram uma vez na escola. Ou eram duas? Newton foi mesmo um cara inteligente. Viajamos mais uma vez. Agradeço silenciosamente. Atraso na certa. Aquela parcela minha refletida junto às gotas de nada me agrada. Meu cabelo está despenteado, minhas olheiras, gigantescas. São 06h32min, ou algo parecido, não sei ao certo, esses ponteiros nunca acertam. O discreto 18 do meu relógio me faz lembrar que saí de casa sem desejar feliz aniversário para minha mãe. Acontece, a insatisfação pela falta do rotineiro café da manhã já preparado falou mais alto. As vibrações no meu bolso indicam que alguém está incomodado com a minha demora. Distraio-me e o típico trabalhador furacão que carrega uma mochila

com aparentes 20 quilos quase me derubou. Mal educado, poderia ter pedido licença. E a senhora, onde estaria? Procuro ao meu redor e vejo que não uma moça de maquiagem extravagante, mas um estudante em seus vinte e poucos dorme de boca aberta no banco que lhe fora destinado. Exceto o rosto marcado pelas rugas, nenhuma das testas iluminadas pelos smartphones parecia se importar. Uma vergonha. Existe um nome bonito pra isso. Simpatia? Empatia? Não me lembro, apenas acredito que eu tenha garantido aqueles pontos extras que garantem a viagem para o céu. Ah! Minha estação chegou. Desço a passos largos e triunfantes em direção às escadas rolantes. Além do mais, não preciso subir nada por conta própria.

Camila Christine  
Engenharia Civil - 1º ano



# Harry Poli

**I mobilus!** Para uma plena compreensão da pequena peça a seguir você deve ter lido *Harry Potter and the Cursed Child* previamente. Se você pretende ler “a oitava história”, guarde esta edição com carinho (se quiser ler o Harry Poli mesmo assim, saiba que há um paralelo com a peça original, ou seja, contém spoilers indiretos e a leitura será sem graça). Ou seja, leia logo o livro - a leitura é muito rápida!

## Parte I - Ato 1

### Cena 1

Durante a aula de Física IV.

ALBUS: Como você consegue fazer 54 créditos? E como você encaixou Cálculo II na sua grade? Nossas grades são muito parecidas, não dava pra encaixar!

SCORPIUS: Claro que dava, você não deve ter visto direito.

ALBUS: Tá, mas como você encaixou todos os 54 créditos?

SCORPIUS: Pedi requerimento de alguns. (Sorri) Não quero ficar na Poli pra sempre.

Alguns relógio apita indicando 11 horas.

SCORPIUS: Vamos bandejar?

### Cena 2

Na mesa do Bandeirão Central.

ALBUS: Ainda não sei como você faz isso...

SCORPIUS: O que? Eu tô com fome, ué! (De boca cheia)

ALBUS: Não! Como você faz os 54 créditos? Eu sei que não encaixa na sua grade.

SCORPIUS: (Falando baixinho) Eu usei o Confundus Jupter...

Uma menina senta no canto da mesa em que eles estavam.

MENINA: Com licença.

ALBUS e SCORPIUS: (Simultaneamente) Claro.

SCORPIUS: (Somente para ALBUS) Como? Você conhecia esse feitiço?

ALBUS: A Hermione é meio que minha tia, lembra?

SCORPIUS: Ah... Nossa, eu amo quando tem lombo e farofa!

ALBUS: Uhum... E, além desse feitiço, o que você faz? Porque você VAI nessas aulas todas.

SCORPIUS: (Olhando para a menina, voltando para ALBUS e falando baixinho) Então você deve imaginar.

ALBUS: Você tem mesmo o vi...

A menina olha e desvia o olhar.

ALBUS: ...Vinte Mil Léguas Submarinas? SCORPIUS faz uma careta. Terminam o almoço em silêncio

### Cena 3

Seguem para o estacionamento, entram no carro e fecham as portas.

SCORPIUS: VOCÊ ESTÁ LOUCO?

ALBUS: O quê?

SCORPIUS: Você sabe! É segredo, eles não deveriam mais existir!

ALBUS: Então estou certo? Você tem um?

A menina os encara em pé, de frente para o carro. S. dá partida e sai com uma arrancada barulhenta.

SCORPIUS: Acha que ela ouviu? Meu pai vai me matar.

### Cena 4

Laboratório de física experimental B no dia seguinte. A menina do bandeirão se aproxima.

MENINA: Posso fazer grupo com vocês?

SCORPIUS olha para ALBUS com raiva.

Passam alguns segundos em silêncio.

MENINA: Meu nome é D. se é o que vocês estão se perguntando.

Estica o braço para cumprimentá-los.

ALBUS: (Cumprimentando) Ah, sim. Claro, Delphi. Meu nome é Albus e o dele é Scorpius.

Durante o experimento.

DELPHI: Scorpius, quem assina Algelin II pra você?

SCORPIUS a encara sem dizer uma palavra.

DELPHI: Scorpius, certo? Acho que você é da minha turma de Algelin, que é no mesmo horário que esta aula e eu precisava de alguém pra assinar meu nome.

ALBUS: Ah, uhm, é um amigo nosso! Acho que você não conhece.

DELPHI: (Olhando para SCORPIUS) Entendi.

### Cena 5

ALBUS e SCORPIUS estão na fila da Minerva. DELPHI chega de repente.

DELPHI: Vocês já viram aquela estátua na civil que homenageia os politécnicos que morreram em 32?

SCORPIUS: (Somente para ALBUS) Essa menina está perseguindo a gente.

ALBUS: (Somente para SCORPIUS) Coitada.

ALBUS: (alto, para DELPHI) Sim! É muito bonita.

DELPHI: Já leu o poema? (Cita o poema - transcrever aqui) Tenho dó deles. Queriam salvá-los.

### Cena 6

Um semestre se passa e DELPHI senta-se com eles em todos os almoços. Somente A. conversa com ela. No Bandeirão Central.

ALBUS: Você parece uma enciclopédia de história! E sabe tudo sobre 32.

DELPHI: Eu gosto bastante.

SCORPIUS: Você devia ter prestado história, então. (Sai para buscar mais suco)

DELPHI: Ele não gosta de mim.

ALBUS não responde.

DELPHI: Queriam voltar para 32, ver de perto como foi!

ALBUS: (Fascinado com a ideia) E ver os alunos da estátua.

DELPHI: Sim! Uma pena não ter mais meio para fazer isso, com todos os vira-tempos destruídos. Eu voltaria para salvá-los. Essas mortes me deixam triste. Eram alunos como a gente!

ALBUS: Salvaríamos todos eles sem revelar que somos do futuro!

DELPHI: Claro! Nem poderíamos.

SCORPIUS volta e a conversa para. DELPHI sorri para ele.

### Cena 7

Cirquinho, lado de fora das salas. Somente ALBUS e DELPHI.

ALBUS: Você me deixou com vontade de voltar a 32!

DELPHI: Seria fantástico, mesmo! Mas S. nunca concordaria...

ALBUS: Temos que tentar!

ALBUS percebe que acabara de admitir que S. tinha o vira-tempo. D. dá um sorriso reconfortante para ele, que acabou com seu temor de ter dito algo que não deveria para a pessoa errada. Sorri para DELPHI.

ALBUS: Vou falar com ele.

### Cena 8

No trânsito. SCORPIUS dirigindo.

ALBUS: A Delphi não para de falar que gostaria de salvar os alunos da poli que morreram em 32.

SCORPIUS: Você gosta bastante dela, né?

ALBUS: Ela é uma pessoa muito boa. Comecei a ficar com dó desses alunos também. (Dá uma risada tímida)

SCORPIUS: Ela já te convenceu.

ALBUS: O quê? Não! Eu realmente acho que seria legal voltar a 32. E nós nunca fizemos nada... Nunca matamos aula, nunca saímos um dedinho da linha. Estou cansado disso.

SCORPIUS: Comece a matar aula, então! Sempre tem alguém pra jogar truco por aí.

ALBUS: Você sabe que eu não consigo. Mas entende? Queriam quebrar as regras alguma vez? Fazer algo notável!

SCORPIUS: Deveria entrar em algum grupo de extensão, participar do nosso CA, a Sonserina convidou todo mundo pra ir nas reuniões. Eles fazem coisas notáveis.

ALBUS: Eu tô falando sério. Quebrar as regras. E eu queria fazer com vocês! Você também precisa disso, você faz 54 créditos! É humanamente impossível.

SCORPIUS: “Trouxamente” impossível. Eu tenho tempo pra fazer. Não estou com problemas.

ALBUS: Você só usa seu tempo para estudar. Vamos nos divertir, fazer algo bom!

SCORPIUS: Quer realmente agradar a D., né?

ALBUS: Quero! Ela, você e agradar a mim! Quero me divertir.

SCORPIUS liga o som e começa a tocar Don't Stop me Now.

SCORPIUS: Seria bom divertirmos um pouco.

ALBUS sorri e aumenta o volume.

ALBUS sorri e aumenta o volume.

### Cena 9

Depois do fim de semana, às 7h25, DELPHI para SCORPIUS antes de ele entrar na primeira aula.

DELPHI: Eu sei que eu fui invasiva. O Albus me contou da conversa de vocês na sexta.

SCORPIUS: Vo...

DELPHI: Eu sei. Eu sabia desde o começo. Já desconfiava, então ouvi um trecho da conversa de vocês no bandeirão, vi a lista de presença das aulas da sua grade e liguei os pontos.

SCORPIUS não diz nada.

DELPHI: Não brigue com Albus, eu arranquei a confirmação dele. Olha, eu sei que parece loucura e que eu não deveria ter feito isso, mas quero muito salvar aqueles alunos.

SCORPIUS: Ele conversou comigo no fim de semana. (Dá uma longa pausa) Hm, D., minha aula vai começar...

SCORPIUS entra na sala.

### Cena 10

Uma semana se passa. No vão do biênio, antes do almoço. ALBUS vai para o banheiro e deixa D. e SCORPIUS sozinhos.

SCORPIUS: Delphi, eu deveria ter te dito antes, na verdade... Bom, tem algo estranho entre a gente. Eu...

DELPHI: Tudo bem, Scorpius, foi por causa daquele primeiro almoço. Por mim, não tem mais nada estranho entre a gente. (Sorri)

SCORPIUS: (Sorri) Ok, eu... Hm. Queriam falar que conversei com Albus. Ele conversou comigo. (Pausa) Bom, ele me contou da sua ideia de (diminui o tom) voltar a 32 para salvar os alunos.

DELPHI: (Baixinho também) Eu sei que seu (pequena pausa) relógio é somente para fins acadêmicos. Eu não quero te colocar em nenhuma situação que te deixe desconfortável ou que te dê problemas.

SCORPIUS: Não, tudo bem. Na verdade nós podemos tomar cuidado.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.

ALBUS: (Aparecendo de repente) E usaremos roupa da época!

DELPHI: Albus! Você voltou! Estou tão emocionada. (Olha para S. e fala com emoção) Muito obrigada.

DELPHI: E não vai ter perigo de ninguém nos reconhecer.



# Por que lembrar?

Escrevamos sobre história. Mas não o falatório monárquico, nem a falácia democrática. Esqueçamos da hereditariedade e do universalismo. Ignoremos os cartazes e os cânticos. Descansemos os lábaros estrelados. Hoje, só hoje! Lembremos da antiga rotina. Daquele chocolate quente com o esfrangalhado pijama do seu personagem favorito. Das antigas histórias ilustradas com o abanar das mãos que ninavam, da narração do ranger da pesada cadeira de balanço que marcava o piso da varanda já gasto. Dos pequeninos e sujos pés machucados pela caça àquela bola murcha que foi perdida no quintal do vizinho. Dos desenhos coloridos com a satisfação de quem escolhera perfeitamente quais cores mereciam ser usadas. Daquela sensação de ardor provocada pelo toque do anti-séptico no joelho recém ralado. Ah, as histórias. Não nos esqueçamos



das amizades eternas. De nossos companheiros inesquecíveis, os melhores, os únicos! Coitados de nós que mal sabíamos que os nomes seriam diferentes a cada ano. Dos cabelos emaranhados pela noite de sono mal dormida e dos uniformes inconfundivelmente sujos pelo kechup da cantina. Da vergonha que ruborizava as bochechas, do primeiro beijo nas escadas, das aulas substituídas pela incrível sedução do baralho. Citemos ainda aquela caneta que tinha o poder místico de aparecer ou sumir sem motivos aparentes. Assistamos o brotar de lágrimas emocionadas na colação de grau e agradeçamos silenciosamente ao Wikipédia. Abracemos uma última vez a época substituída pela pressão. Pela dúvida. Pela saudade. Saudade do tempo previsto, do tempo perdido. Saudade de eleger o melhor vilão ou a melhor cena de luta. Aquela saudade de Cecília:

constante, sem egoísmo algum. Onde foi parar a coragem de visitar, ligar, perguntar? De fazer o dia melhor com uma cerveja ou com um filme francês em preto e branco. Resgatemos a sinceridade ingênua que pontilha brilhantemente pequenos olhos, a mesma que desconstrói os grandes. Ousemos sentir, dizer. Dizer que o eu do passado tinha pouco saber, mas muito a ensinar. Pensemos que hoje ensinamos algo que não sabemos, enxergamos o que queremos. Busquemos então, a diversidade. Ao seu redor, conte não a si, conte quantas. Diga-me, pois, o que você tem a contar?

Camila Christine  
Engenharia Civil - 1º ano

## “De que são feitas as coisas” de Mark Miodownik



Assim que escrevi a resenha do livro “E se?” de Randall Munroe para a edição passada, decidi que deveria iniciar a leitura de um outro livro - um também sobre ciências. Olhei, então, para a minha estante e vi aquela lombada vermelha com o escrito branco “Miodownik | DE QUE SÃO FEITAS AS COISAS | Blucher”.

Ele estava acumulando pó desde dezembro de 2015, quando o comprei em um impulso consumista na 17ª Festa do Livro da USP. Eu estava no stand da Blucher vendo aqueles livros maravilhosos e notei várias mãos em direção a uma pilha com uma certa determinação. Olhei melhor: a capa não era das mais incríveis, confesso, e parecia ser mais um daqueles que prometem uma linguagem acessível e agradável, mas é, na verdade, maçante. Mesmo assim, minha compulsão falou mais alto e agarrei meu exemplar. Afinal, não devemos julgar um livro pela capa, não é? “Tem tudo a ver com meu curso [Engenharia dos Materiais]”, pensei, “e tem o aviso ‘Prêmio Winton de livros de ciências da Royal Society’, seja lá o que isso significa”.

Tirei-o de minha estante para que ele ficasse por um tempo perambulando pelo meu quarto até que, no dia 10 de agosto, criei coragem e iniciei sua leitura. Logo na introdução, parte que eu geralmente leio desinteressada e com pressa, me arrependi por não ter começado a ler antes! A maneira leve, fluida e divertida da escrita me deu vontade de continuar.

O livro fala sobre, essencialmente, 10 materiais. Vai da importância das es-

padas ao acaso do aço inoxidável, do concreto e o jardineiro ao (inesperado!) chocolate. Da importância da espuma no espaço ao grafite e seus famosos primos.

Ele explica o motivo das páginas amareladas dos meus antigos e queridos livros e comenta o peso de uma notícia quando impressa neste tipo de papel que está em suas mãos. Nos conta, também, a incrível relação do plástico com o faroeste em uma deliciosa narrativa em forma de roteiro! Fala sobre o vidro e como ele mudou totalmente nossa experiência com as bebidas e da importância gastronômica e econômica da porcelana. Além de relacionar os materiais com a sociedade e com a história, há a relação com a vida, a relação íntima com nossos órgãos: os biomateriais nos implantes.

A leitura é empolgante e com um toque de humor que realmente tira “uau”s e risinhos. Fui totalmente surpreendida pela linguagem de Miodownik, que faz com que o livro seja acessível para leigos, para estudantes de Engenharia de Materiais como eu e, ousado dizer, que até para doutores. Interessante para os curiosos: este é um daqueles livros que nos deixam com vontade de um pouquinho mais. Somente interrompi sua leitura pela P1 e pelo “Harry Potter and the

Cursed Child”, motivos totalmente compreensíveis, certo?

“De que são feitas as coisas”, de Mark Miodownik pode ser encontrado no site da Saraiva por R\$27,20\*. Apesar de nada substituir uma deliciosa ida a uma livraria física, os preços na internet cabem mais no nosso bolso universitário. Mas, lembre-se sempre de comprar em sites seguros como Amazon, Saraiva e Submarino, que estão cheios de promoções e os preços dos fretes competem com nosso Bandeco.

\*Até o dia 27/11.

Rafa Baldy  
Engenharia de Materiais - 2º ano

### Festa do Livro da USP

18ª edição da Festa  
22, 23, 24 e 25 de novembro  
Das 9h às 21h  
Avenida Profº Mello Moraes,  
Travessa C

# Últimas manchetes do ano

## Número de aprovados sobe e professores se perguntam o que fizeram de errado

Devida a alta aprovação dos alunos da Escola Politécnica no semestre passado, reuniões entre professores se tornaram mais frequentes para a discussão sobre o que há de errado. Novas propostas veem surgindo como solução, como: aulas menos claras, slides que não explicam nada e até mesmo estabelecer conexão com professores do ITA para se obter provas que “desafiem” mais o estudante.

## Após P3 de Calculo I, bixos começam a tomar leite desnatado para fugir de integral

Estudos provindos das indústrias relatam diminuição nas vendas de lei-

te integral, a data da repentina queda é equivalente ao dia pós P3 de cálculo I, matéria em que todos os calouros da Escola Politécnica são submetidos a fazer.

Estudantes afirmam que não aguentam mais estudar integrais que até o nome os faz lembrar do sofrimento que foi estudar para essa prova final, por isso pedem aos pais que não comprem mais nada com a tal palavra. Industrias panificadoras ficam com receio.

## Alunos descobrem a razão das aulas de slides serem rápidas

Alunos da Escola Politécnica, revoltados com aulas de slides muito rápidas, decidiram investigar o motivo de suas aulas, a maioria de slides, passaram muito mais rápidas que as outras. A descoberta, deveras reveladora, mostrou que todos dormiam sem perceber na aula, enquanto professor lia e passava os slides.

Os estudantes relataram que para eles parecia um piscar de olhos. “Fiquei espantado quando o professor estava no

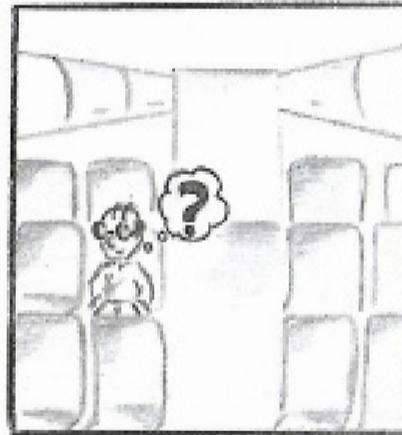
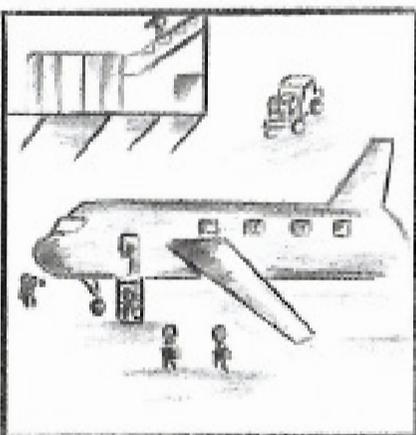


segundo slide e depois de uma piscada mais demorada já estava no último” afirma aula preocupada com matéria perdida diante dos olhos.

*E para aquela velha manchete do nabo de fim de semestre: vai que dá!*

*João Pedro Darim Azevedo  
Engenharia de Minas - 1º ano*

### EXPECTATIVA



*Camila Christine - Engenharia Civil - 1º ano*

**TIRINHA DA CAMI**

### REALIDADE



\*Piada original de conhecimento popular, sem autor conhecido

# NOVO CURSO DE CONVERSAÇÃO!

MENSAIS A PARTIR DE

R\$62,00\*



[WWW.POLIGLOTAIDIOMAS.COM](http://WWW.POLIGLOTAIDIOMAS.COM)



[CONTATO@POLIGLOTAIDIOMAS.COM](mailto:CONTATO@POLIGLOTAIDIOMAS.COM)



[FACEBOOK.COM/POLIGLOTAIDIOMAS](https://FACEBOOK.COM/POLIGLOTAIDIOMAS)



11 3091 6080

11 3091 6081



\*VALOR VÁLIDO PARA ALUNOS POLI MATRICULADOS EM UM CURSO EXTENSIVO, 6X DE R\$62,00